

Construções nasceram de uma contradição – edificadas no Estado Novo, participaram do esforço de guerra

DO ESPÍRITO SANTO PARA O MUNDO

CAIS DO MINÉRIO, EM PAUL, FOI CONSTRUÍDO PARA ABASTECER OS ALIADOS NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Quem aprecia criticamente temas históricos costuma vincular-se com maior consciência ao presente e ao futuro. Porque toda história se constrói com a vida, e permanece por gerar mais vida. Existe um monumento que pertence aos capixabas e se encontra abandonado – o Cais de Minério, em Paul, Vila Velha. As pessoas, sobretudo as mais jovens, não têm culpa por desconhecerem a importância dessa obra de engenharia para a compreensão do nosso passado. É preciso que a história lhes seja contada, mesmo resumidamente. A construção teve início em 1941, financiada pela arrecadação do Estado, capitais estrangeiros e verbas federais. O Cais atendia aos interesses da Inglaterra e dos EUA por grandes quantidades de minério de ferro com alto teor para a indústria pesada e de armamentos. A conjuntura anormal motivada pela Segunda Guerra assegurou o escoamento pelo Espírito Santo das riquezas existentes nas jazidas mineiras, realizando velho sonho capixaba.

O Cais de Minério guarda muitas histórias, a começar pelas designações que possui. Alguns o chamam Cais do Atalaia, seus silos enguidos com orientação de

engenheiros americanos na encosta íngreme do morro desse nome. Outrora dali se observavam, à longa distância no mar, as embarcações que demandavam o porto de Vitória. E, por meio de bandeiras semafóricas hasteadas em grande mastro, todos na cidade sabiam de antemão as características principais dos navios que chegariam, num tempo de comunicações precárias. Já a denominação de Cais do Pela Macaco, preconceituosa na origem, homenageia agora os operários que o construíram – negros em sua maioria, alguns vindos de Barbados. Sofreram intolerâncias e condições desumanas no serviço, debaixo de sol abrasador e em contato direto com o rochedo, para lançarem as fundações da obra e depois nela trabalharem. Também é referido como Cais “Eumenes Guimaraes”, nome oficial, em memória desse engenheiro.

A cidade de Vitória dormia e acordava com o barulho do minério escoando para dentro dos navios. De vez em quando havia um foguetório – a meta de exportação fora alcançada. E assim milhões e milhões de toneladas de hematita passaram pelo terminal especializado em direção a muitos países. Quantas famílias capixabas dependeram direta ou indiretamente daquele Cais para sua sobre-

Muitos indivíduos, no entanto, consideravam o Cais de Minério como fonte de poluição e escoadouro de riquezas não renováveis pagas a preço irrisório”

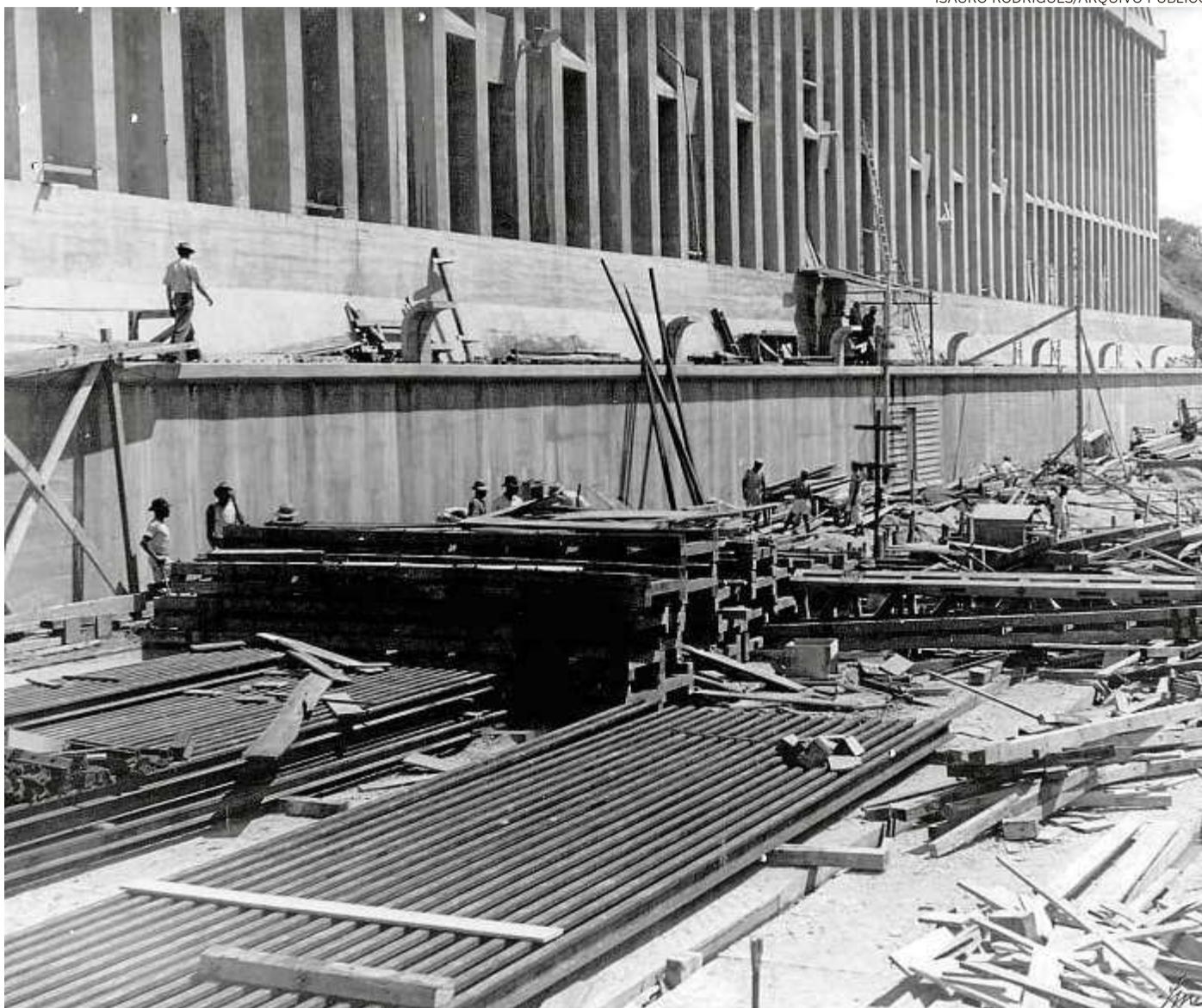
vivência? Depois de inaugurado o Porto de Tubarão, em 1966, o embarcadouro em Vila Velha ainda operou por alguns anos.

Esforço de guerra

Por que subtrair dos futuros cidadãos o direito de conhecerem os viadutos de Paul e do morro do Atalaia e os silos do Cais de Minério e sua importância para a história brasileira? Tais construções nasceram de uma contradição – edificadas no período da ditadura do Estado Novo, participaram do esforço de guerra, fornecendo volumes apreciáveis de minério de ferro e manganês para as democracias ocidentais combaterem... ditaduras. Um capixaba podia fazer com os dedos o famoso V e pronunciar com orgulho o trocadilho evidente: “O minério embarcado em Vitória contribuiu para a Vitória dos Aliados”. O Espírito Santo também participou da “Batalha da Produção”, numa “cruzada benedita” para lutar “pelos melhores destinos da Humanidade e pela salvaguarda de sua Civilização”, como assegurou o estadista Jones dos Santos Neves em 1943, ano da inauguração do Cais. Destruí-lo seria como apagar em outros lugares da Terra os símbolos das lutas pelo Mundo Livre. ➤

Depoimentos dos que viveram na- ➤

erra, fornecendo minério de ferro e manganês para as democracias ocidentais combaterem... ditaduras



ISAURO RODRIGUES/ARQUIVO PÚBLICO

certas autoridades.

Recordemos a perda da primitiva Sé de Salvador. Em 1933, demoliram arbitrariamente a suntuosa catedral para se construir no lugar uma estação de bondes. Eles acabaram tempos depois, o espaço virou um vazio urbano, e o histórico templo desapareceu para sempre. Nós capixabas não podemos deixar que as decisões sobre a destinação do complexo construtivo do Cais de Minério fiquem nas mãos de técnicos obtusos, de burocratas de terceiro escalão alheios ao Estado e de alguns empresários, com interesses imediatistas, que muitas vezes nem moram aqui e não têm compromissos com o futuro do Espírito Santo. Depois não adianta lamentar...

Revitalização

Antever uso digno para o Cais de Minério não é difícil. O projeto de restauração certamente contemplará questões urbanísticas, paisagísticas, arquitetônicas, de iluminação cênica para que ele se destaque mais ainda no entorno da baía de Vitória.

Também não é complicado imaginar as pessoas, a partir do Museu Vale, visitando a antiga estação da Leopoldina, que um dia também será restaurada, e depois caminhando pelo leito desativado da via férrea, devidamente protegidas por guarda-corpo seguro e esteticamente adequado. Elas contemplarão Vila Velha e Vitória a partir do belíssimo viaduto em curva fincado na rocha viva. E enriquecerão o corpo e a alma, após magnífico passeio pela natureza e pela história.

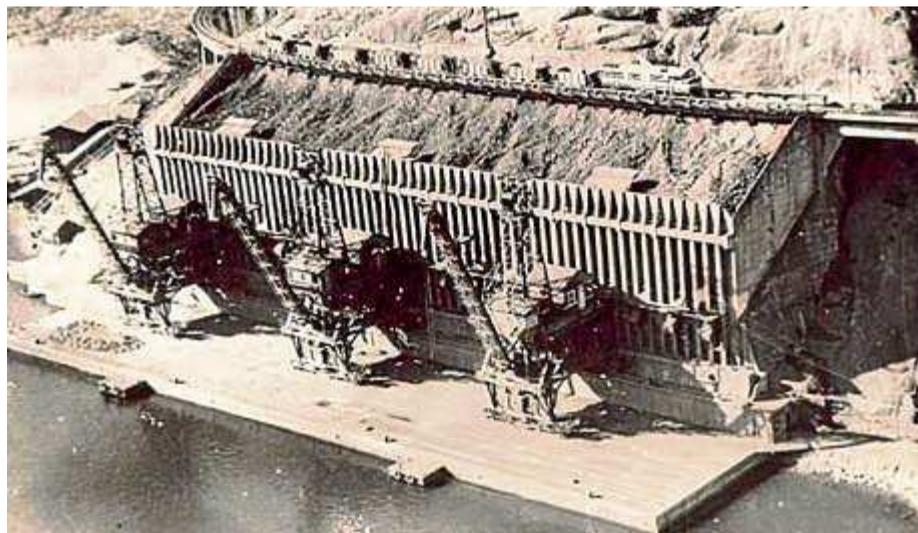
Aqui cabem perguntas essenciais: a quem pertence o Cais de Minério? Quem assumirá sua revalorização? A providência não implica em investimentos muito elevados, que podem ser feitos por etapas. Por especial favor da sorte, o aproveitamento das antigas instalações portuárias para incrementar iniciativas culturais, de lazer e turísticas em nada interferirá nos espaços atuais da movimentação de cargas, devido às alturas diversas em que se situam.

O Cais do Atalaia serviu para trazer progresso material para o Brasil ao gerar muitas divisas. Agora as mesmas edificações incentivarão na gente capixaba outro tipo básico de progresso – o do espírito – ao harmonizar o desenvolvimento cultural com o econômico e elevar nossa autoestima, ações essenciais para que tenhamos existência mais produtiva e com melhor qualidade. Quando receber visitantes em ambiente aprazível, aquele local voltará a ser um dos mais relevantes cartões postais do Estado.

História é vida. O valioso conjunto de obras da engenharia, ora desprezado, merece uma revitalização competente para de novo servir à sociedade. Depende apenas do empenho dos capixabas e dos seus dirigentes. Se não formos omissos, o extinto Cais de Minério se transformará em fecundo Cais de Histórias, pleno de cultura, lazer e turismo. Um porto a mais para ancorarmos nosso amor pela baía de Vitória.

➤ que a época geralmente comovem. Um deles: embarcações sem nome, bandeira ou outra identificação recebiam o minério e ficavam à espera, fundeadas na baía. Até que um dia ali anoiteciam, mas não amanheciam. De madrugada tinham se juntado ao comboio que passara ao largo da costa capixaba, defendido por belonaves brasileiras e americanas. E lá iam os navios anônimos enfrentando o mar alto, com seus porões repletos da preciosa carga destinada a forjar armas para combater os inimigos nazifascistas. Mas transportavam algo mais. Levavam a esperança dos homens se livrarem da opressão totalitária. Poucos lugares no mundo têm uma história tão bonita como esta para contar. Nós temos.

Muitos indivíduos, no entanto, consideravam o Cais de Minério como fonte de poluição e escoadouro de riquezas não renováveis pagas a preço irrisório. Ou seja, mais outra história para registrar... A frase retórica – “a Vale somente deixou no Espírito Santo a buzina do trem e o pó de minério” – deve ser entendida no contexto em que era pronunciada por governantes e demais pessoas interessadas em reivindicar para o Estado a maior quantidade possível de benefícios. Mas a CVRD contribuiu para trazer a modernidade às terras capixabas.



Cais do Minério: construção teve início em 1941 para atender aos interesses da Inglaterra e dos EUA por grandes quantidades de minério de ferro

No mínimo, pela significativa massa salarial recebida por profissionais de nível superior, técnicos e operários que trabalhavam na administração, no porto, na estrada de ferro e, mais tarde, nas usinas de pelotização, o marco zero do desenvolvimento da indústria moderna no Estado.

Por tudo isso, e muito mais, as estruturas merecem o tombamento como

patrimônio histórico e artístico nacional pelo Iphan, por se constituírem em excepcionais exemplos de bens culturais que interessam à arqueologia industrial. As proteções legais nos níveis estadual e municipal também concorrerão para garantir a sobrevivência desse documento em concreto contra o descaso, a incuria, a sanha destrutiva, por ação ou omissão, de